

## TURISTA É A NÔMADE DE COSTAS LARGAS

Helena Stürmer<sup>1</sup>

Sentei no banco em que entre o encosto e o assento, balançava com o vento um dente-de-leão enorme, redondo, cheio. Ainda o sopro não fora forte para que as pétalas tivessem se soltado no ar. Deitei sobre o dente-de-leão. Aqui, no banco de pedra, fechei meus olhos. Mais confortável que o colchão emprestado lá de casa. Estou tendo noites agitadas, sonos entrecortados por sonhos esquisitos, dores nas costas, afundada em menos de 12 centímetros de espessura. E também tem o som da cidade, esse para mim está sendo um barulho extraordinariamente incômodo. Não consigo sentir minhas escápulas alargadas e não consigo ouvir o que estou pensando. Não há espaço para circular, e respirar torna-se mais difícil, mesmo que eu seja uma das únicas a retirar a máscara para transitar. Caminhar nesta cidade é difícil, não tem calçada, e as poucas que sobram ou estão ocupadas por caixas de goiabas, bananas a 2,99/kg e tomates 4,99/kg – mas esse preço é só no fim do mês –, ou por pedestres que

<sup>1</sup> Mestranda de Letras no programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Viçosa. [helenasturmer@gmail.com](mailto:helenasturmer@gmail.com).

✉ Rua Purdue, Campus Universitário, Departamento de Letras, Viçosa, MG. 36570-900.

Turista é a nômade de costas largas  
Helena Stürmer

param, estão parados, andam devagar. Sou obrigada a ir pela rua desnivelada, quebrada, de asfalto empoeirado e restos de lixo que caíram dos sacos; todos os dias o caminhão de lixo passa (coleta seletiva não), e caem muitos resíduos pelo chão, talvez porque não haja cesto para cada residência, na verdade, acho que não há cesto nenhum. Com os restos pendurados também se penduram as casas não terminadas, elas tapam o sol, e a vista não é bonita, mas pelas frestas a manhã tem a sala iluminada, e à tarde entra no meu quarto a luz, que atravessa até a cozinha. Hoje, saí mais cedo de casa porque os armários da cozinha no chão e um homem com furadeira empoeiram todo meu ar, e o barulho, então, não consigo nem falar. Falar com a Ciça, com Karina, com Juliana ou minha mãe e assistir à aula hoje do Laboratório eu não consigo, porque ainda não há conexão de internet em casa. Os armários estão no chão; e também o meu colchão emprestado, minhas duas malas ao lado, porque desisti de comprar para mim armário. Vendem alguns do lado de casa, na rua dos Passos 816, não consigo contar quantos passos dei para chegar ao banco de concreto pedra, onde o dente-de-leão amacia a minha deitada. Sem destino é que vim parar no canto do Departamento de Artes, o único curso aqui é Dança, e talvez eu entre lá para ver se oferecem aulas grátis. Por enquanto, era a internet que eu vim buscar; e um lugar para apoiar as minhas costas. Ouvir minha playlist de músicas para dormir bem me ajudou a perceber a cidade, acho que me distanciou. Eu sou pequena e tenho pernas curtas, assim parece que na rua dos Passos o passo não anda. Com as construções coladas umas às outras, o 816 não chega nunca. Não consigo distinguir cada coisa. Tudo muito perto, colado. Vi que há muitas lojas de acessórios para celular e muitas quitandas. Todas elas fecham final de semana, redes grandes de supermercado não dominaram, e parece que aos domingos são proibidos de abrir depois das duas. Com sorte, encontra-se algum ao meio-dia. É difícil encontrar mercado. Essa semana saí para procurar um de nome “Modelo” e me perdi repetidamente, sempre voltando para o Google Maps; estava difícil me localizar. São umas curvas que sobem, outras que fecham, não entendo o desenho dessa cidade pendurada. Me perdi várias vezes. Fiquei irritada. Caminhar nessa cidade é difícil. Ruas apertadas. Não tem calçada, as pessoas ficam paradas ou vão a passo lento, ciclofaixa só foi demarcada dentro do campus da universidade. Eu suou muito, a mochila é pesada, porque não tem internet em casa. Mas eu gosto de calor. O sol, que é meu amigo, aqui ele me derruba. Não uso meu biquini. Eu, por mim, andando sem máscara e de mochila pesada, já me sinto um alienígena na cidade. É difícil comer, não são muitas as variedades, comer fora do Restaurante Universitário não é novidade. Vegetarianos não encontrei nenhum. Pessoa ou estabelecimento. Muito leite, ovo e carne. Muitos edifícios colados, debruçados, caminhão, moto, o barulho é ensurdecador. Aqui, no dente-de-leão, encontro paz para fechar os olhos. Será que conseguirei dormir esta noite? Parecia que eu nunca iria encontrar loja para comprar uma luz mais confortável. Gastei horrores em lixerinho, pano e baldes. Esfreguei com toda a força das costas o box encardido do banheiro da moça que dizia ter TOC. Todo dia tomo

Turista é a nômade de costas largas  
Helena Stürmer

café preto abundante porque passo na térmica que não é minha, e é o único utensílio que devolvo ao lugar, intacto. Os outros ficam no corredor de louças, porque é de lá que os cato. Onde estou? A dois palmos do dente-de-leão, a mil quilômetros do símbolo que o Google Maps faz de casa. Nas aulas, sou a única com mochila pesada. As aulas são a parte mais confortável do dia. Talvez porque seja quando não preciso deitar as minhas costas. E há silêncio para o pensamento, e eu consigo escutar as palavras. Aqui, falam passeio ao invés de calçada.

“Desde as suas origens, nossa civilização tem sido desafiada pelo corpo sofrido”, li em Sennett alguns minutos mais tarde. ☺